Historia de vida e feitos do engenhoso fidalgo

Porto

1888

Reel: 47 Title: 7

LIVRARIA DO POVO
N.º 27.

HISTORIA DA VIDA E FEITOS

DO ENGENHOSO FIDALGO

D. QUIXOTE DE LA MANCHA.



PORTO.
LIVRARIA = *CRUZ COUTINHO* = EDITORA.
18, Rua dos Caldeireiros, 20.

1888.

HISTORIA DA VIDA E FEITOS

DO

ENGENHOSO FIDALGO

D. QUIXOTE DE LA MANCHA.

CAPITULO I.

Diz-se quem era D. Quixote e o motivo que o induziu a fazer-se cavalleiro andante.—Refere-se a sua primeira saída, e o que passou até chegar a uma taverna.

Em Argamacilla de Alba, logar da Mancha, situado nos confins do campo de Montiel, a curta distancia do rio Guadiana, vivia um pobre fidalgo chamado Quijada ou Quesada, ou Quijana, segundo outros. Tinha elle em sua companhia uma ama que passava dos quarenta annos, uma sobrinha que estava a roçar pelos vinte, e um rapaz que accumullava os dois cargos de creado da casa e moço dos campos, porque arreava o rocim e empunhava a podôa. O nosso fidalgo, que andava pelos quarenta, era de compleição mesquinha, sêco de carnes, chupado de faces, grande madrugador e amante da caça. Cumpre observar que o tempo em que estava ocioso, que era a maior parte do anno, se entregava á leitura dos livros de cavallaria com tanta affeição, e gosto, que quasi completamente se esqueceu do arranjo da sua casa e da administração da sua fazenda. E a tal ponto chegou a sua loucura, que vendeu muitas geiras de terra de semeadura para comprar livros de cavallaria, que lia dia e noite consecutivamente sem cuidar de alimento nem de repouso, o que lhe fez perder o juizo. Encheu-se-lhe a phantasia de tudo quanto lia: encantos, pendencias, batalhas, desafios, feridas, namoros, tormentas e diversos outros disparates.

Dizia elle que o Cid Rui Diaz tinha sido muito bom cavalleiro: mas que nada era em comparação do cavalleiro da Ardente Espada, que só de uma cutilada tinha rachado meio dois feros e descommunaes gigan[illegible] Melhor era ainda Bernardo de Carpio, [illegible] que em Roncesvalles tinha matado Rold[illegible] encantado, afogando-o entre os braços, c[illegible] Hercules a Anteo, filho da terra. Contava [illegible]ravilhas do gigante Morgante, porque [illegible]sar de pertencer a uma geração de gigan[illegible] cujos membros eram todos soberbos e [illegible] comedidos, elle era affavel e bem cread[illegible] que mais lhe merecia, porém, era Rein[illegible] de Mantalvan, sobre tudo quando o[illegible] do seu castello e roubar quanto encont[illegible] chegando até a apoderar-se d'aquelle [illegible] de Mafoma, que era todo de ouro. Por [illegible] um bom par de sôcos no traidor Galalão der[illegible] elle a ama que tinha, e ainda por cima a sobrinha. Assentando em um projecto, o mais estranho e mais louco, que jámais formou louco no mundo, fez-se cavalleiro andante, o que lhe pareceu conveniente e necessario, assim para augmento da sua honra, como para serviço da sua patria, e foi-se por esse mundo além a buscar aventuras e a exercitar-se como os cavalleiros andantes, vingando aggravos e collocando-se em lances e perigos que eternisassem o seu nome e tornassem immorredoura a sua fama. Pelo valor do seu braço imaginava-se já o pobre coroado imperador, pelo menos da Trapisonda; e embalado por tão gratos pensamentos, enlevado no estranho prazer que elles lhe despertavam, deu-se pressa a levar a effeito o que desejava.

Principiou por limpar umas armas pertencentes a seus visavós, que, roídas de ferrugem, longos seculos havia que dormiam a um canto. Poliu-as o mais que pôde; porém notou-lhe uma grande falta o morrião sim-

ples em vez de celada de encaixe, falta que remediou a sua industria por meio de um pouco de papelão e arame de ferro. Foi logo visitar á estrebaria o seu rocim, e ainda que os ossos pareciam querer romper-lhe a pelle, apresentando mais mataduras que o cavallo de Gonella, pareceu-lhe que nem que fosse o bucephalo de Alexandre, ou o Babieca do Cid. Quatro dias gastou em pensar o nome que lhe poria, porque, segundo dizia comsigo, era justo que o cavallo de tão grande e tão famoso cavalleiro tivesse um nome conhecido: decidiu-se por fim a chamar-lhe *Rocinante*, nome, no seu parecer, alto, sonoro e significativo. Posto o nome ao cavallo, quiz baptisar-se a si proprio, pensamento que o occupou oito dias, ao cabo dos quaes tomou o nome de *D. Quixote*. Lembrando-se, porém, que o valoroso Amadis se não contentara com um Amadis sêco, senão que lhe acrescentára o nome do seu reino e da sua patria, por tornal-a famosa, e se chamou Amadis de Gaula, quiz, como bom cavalleiro, addicionar ao seu o nome da sua, e chamar-se D. Quixote de la Mancha, com que na sua opinião declarava bem ao vivo a sua linhagem e patria, que d'este modo honrava. Limpas as armas, transformado o morrião em celada, baptisados elle e o rocim, nada lhe faltava senão o procurar uma dama de quem enamorar-se, porque cavalleiro andante sem dama era, dizia elle, arvore sem folhas nem fruto, e corpo sem alma. Veio-lhe á ideia de que em um logar proximo do seu havia uma camponeza jovem e bem parecida, de quem em tempo andara enamorado, ainda que, já se entende, sem ella o saber. Chamava-se Aldonsa Lourenço, e a esta lhe pareceu bem dar-lhe o titulo de senhora dos seus pensamentos; e procurando nome que não desdissesse do seu e cheirasse a nobreza, chamou-lhe Dulcinea del Toboso, terra da sua naturalidade.

Feitas, pois, estas prevenções, não quiz dilatar mais a realisação do seu pensamento, instigado pela persuasão em que estava da falta que fazia no mundo para vingar sem razões, injustiças, aggravos, melhorar abusos e satisfazer dividas. E assim, sem ninguem dar parte da sua intenção, sem de ninguem ser visto, uma manhã, antes de romper do sol, tomou todas as suas armas, montou no Rocinante, e, pela porta falsa da estrebaria, saíu para o campo com grande contentamento e alvoroço.

Apenas se viu a caminho, occorreu-lhe que não estava armado cavalleiro, e que, por conseguinte, não podia bater-se com cavalleiro algum, ideia que o fez immediatamente vacillar no seu proposito. Socegou, porém, immediatamente, lembrando-se que, á imitação de outros muitos, se podia fazer armar cavalleiro pelo primeiro que encontrasse. E assim foi andando durante todo o dia, até que ao anoitecer elle e o rocim estavam mortos de cansaço e de fome. Foi como se vira uma estrella, o avistar uma taverna, para onde se dirigiu a toda a pressa.

Á porta estavam duas mulheres de má vida, e, como tudo quanto via o nosso cavalleiro lhe parecia encanto, figurou-se-lhe que a venda era um castello com suas quatro torres e capitaes de prata luzente, sem lhe faltar a ponte levadiça, etc. Foi-se, pois aproximando do supposto castello, e a pouca distancia puxou as redeas do Rocinante, esperando que algum anão désse signal com a trombeta. Succedeu então que um porqueiro tocasse em um buzio para recolher uns cevados, e persuadiu-se D. Quixote que era o anão que annunciava a sua vinda. Cheio de contentamento se chegou á venda, saudando as duas mulheres que lhe pareceram duas formosissimas donzellas.

Pediu de ceiar. Deram-lhe bacalháu mal cozido e pão negro, e quiz a sorte que emquanto comia, chegou á venda um capador de porcos, que deu tres ou quatro assobios, o que acabou de persuadir D. Quixote que se achava em algum famoso castello, que o serviam com musica, que o badejo eram trutas; o pão, alvissimo; as rameiras, damas; o vendeiro castellão. E assim deu por bem empregada a sua resolução.

CAPITULO II.

Do modo por que D. Quixote se armou cavalleiro, como vingou o primeiro aggravo, e do que lhe succedeu com uns mercadores.

No meio da satisfação que experimentava D. Quixote durante a ceia, atormentava-o o pezar de se não achar armado cavalleiro, o que o determinou a recorrer ao taverneiro, que suppunha cavalleiro famoso e castellão. Fallou-lhe effectivamente, e o vendeiro, que já tinha suas desconfianças de que D. Quixote era louco, acabou de confirmar a sua opinião. Como era algum tanto ajudeado, resolveu divertir-se á sua custa. Em consequencia d'isto disse a D. Quixote que era tambem cavalleiro andante, e que tinha exerci-

do por algum tempo a honrosa profissão da cavallaria errante. Acrescentou-lhe que socegasse, que na manhã seguinte o armaria cavalleiro; mas que por estar inutilisada a capella do seu castello, se fariam as ceremonias no pateo. Em seguida levou-o a uma estrebaria immediata, mandou-lhe collocar as armas sobre a pia de um poço, ordenando-lhe que, segundo as ordens da cavallaria, passeiasse diante d'ellas para as guardar. D. Quixote afivelou a adaga, empunhou a lança, e com o maior arreganho começou a passeiar diante do local. O vendeiro contou a quanta gente se achava na taberna a loucura do seu hospede e a comedia que estava preparada, e todos viram que elle umas vezes com tranquillos ademanes passeiava, outras, arrimado á lança, punha os olhos nas armas sem os arredar por muito tempo.

Aconteceu que dois arrieiros, ignorando a loucura de D. Quixote, fossem dar de beber ás suas cavalgaduras na pia sobre que estavam as armas, e, querendo tiral-as, foram acommettidos ás lançadas. Ao ruido acudiu a gente da venda, incluindo o taverneiro. Os companheiros dos arrieiros, assim que os viram feridos, começaram de longe a fazer chover pedras sobre D. Quixote, o qual, como melhor podia, se defendia com o escudo, sem querer afastar-se da pia para não abandonar as armas. Gritava o vendeiro que o deixassem, porque lhes tinha dito que era louco, e que por louco se livraria, ainda que os matasse a todos.

O vendeiro estando já farto da farçada, resolveu, para abreviar, dar-lhe a negra ordem da cavallaria, antes que outra desgraça succedesse, e assim, chegando-se a elle, desculpou-se da insolencia d'aquella gente baixa, no que não tinha culpa.

O taverneiro foi buscar um livro em que assentava a palha e cevada que fornecia aos arrieiros, e, acompanhado de um garoto munido de um coto de vela, e das duas mulheres, foi ter com D. Quixote, que mandou ajoelhar, e, lendo no livro como quem orava devotamente, deu-lhe com a mão uma palmada no pescoço, e em seguida, com a espada, uma pranchada, murmurando sempre por entre dentes a sua oração. Feito isto, mandou a uma das donzellas que lhe cingisse a espada, e a outra que lhe pozesse a espora, o que ambas fizeram com grande desembaraço e descripção. Concluidas finalmente as ceremonias, preparou-se D. Quixote para ir em busca das suas aventuras, e, apparelhando logo Rocinante, montou e despediu-se amavelmente do taverneiro, agradecendo-lhe a mercê de o haver armado cavalleiro. O taverneiro respondeu cortezmente, e, desejando lhe boa ventura, deixou-o partir sem nada lhe levar pela pousada.

Jubiloso se pôz a caminho D. Quixote. Não tinha ainda dado muitos passos, quando de um bosque espesso ouviu saír alguns gemidos. Alegrou-se por ver que alguem carecia do seu auxilio, e encaminhou Rocinante para o sitio. Viu então, atado a uma arvore, um rapaz nú da cintura para cima, em quem um lavrador com uma vara descarregava açoutes que acompanhava de reprehensões e conselhos. D. Quixote com voz irada lhe disse: Mal parece, incivil cavalleiro, que vos tomeis com quem não póde defender-se. Montae-vos e armae-vos, que vos quero provar que é de cobarde a acção que praticaes.—Assustado o lavrador, respondeu submissamente: Senhor cavalleiro, o rapaz que estou castigando é um servente meu, que encarrego de me guardar um rebanho de ovelhas; porém é tão descuidado, que todos os dias me deixa perder alguma. A esta explicação seguiram-se outras, até que enfadado D. Quixote, ameaçou o lavrador, fel-o soltar o rapaz, e jurar por todas as ordens de cavallaria que lhe pagaria a soldada e o deixaria ir em paz. Depois deu á espora e afastou-se. O lavrador seguiu-o com os olhos, e quando o viu transpor o bosque, tornou a atar o rapaz e deu-lhe tanta chibatada, que o deixou por morto. Finalmente desatou-o, auctorisando-o a ir em busca do cavalleiro para lhe contar o que lhe tinha succedido.

Contente com este procedimento, persuadiu-se D. Quixote que mui felizmente tinha dado começo ás suas cavallarias, e tomando o caminho da sua aldeia, ao cabo de duas milhas descobriu um magote de gente. Eram seis mercadores toledanos acompanhados de quatro creados a cavallo e tres arrieiros a pé. Imaginou logo D. Quixote nova aventura, e galhardamente se firmou nos estribos, enristou a lança, chegou o escudo ao peito, e em meio caminho, esperou que os cavalleiros andantes chegassem a distancia de o ouvirem. Páre todo o mundo, disse, se alguem duvida que existe donzella mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem par D. Dulcinea del Toboso. Conheceram logo os mercadores a qualidade do homem com quem se tinham de haver; mas como se recusassem a dar a primazia em formo-

sura a Dulcinea, D. Quixote enfurecido arremetteu-lhes com a lança. Rocinante tropeçou e caiu, e D. Quixote não podia mover-se por causa do peso da armadura. Em quanto debalde forcejava por se levantar, gritava: Não fujaes, gente cobarde, attendei que não é por culpa minha, mas do meu cavallo, que aqui estou estirado. Um arrieiro mais mal intencionado, vendo-lhe tanta arrogancia, não quiz ficar sem lhe dar a resposta no costado. Chegou-se a elle, pegou na lança, quebrou-a, e, com um pedaço da haste tanta paulada lhe deu, que apesar da armadura, deixou-o desancado,

Quiz a sorte que por alli acertasse de passar um lavrador seu vizinho, que vinha de levar uma carga de trigo ao moinho, e vendo um homem estendido, chegou-se para lhe perguntar o que tinha, mas D. Quixote respondeu com um romance que tinha lido em livro de cavallarias. O lavrador, pasmado de ouvir tantos disparates, começou a limpar-lhe o rosto coberto de pó, e reconheceu-o. Depois de mil perguntas que obtiveram em resposta mil necedades, o lavrador levantou-o, e não sem grande trabalho conseguiu escarranchal-o no jumento. D. Quixote apanhou todos os bocadinhos da haste, atou-os, tomou as redeas e dirigiu-se á sua aldeia, onde chegou ao cair da noite; mas o lavrador fel-o demorar, para que o povo não visse o misero estado em que o tinham posto.

CAPITULO III.

Torna D. Quixote á sua aldeia, d'onde sáe novamente acompanhado de Sancho Pança.— Aventuras dos moinhos de vento, dos frades e do biscainho.

Chegada a hora conveniente, entrou o lavrador na povoação e em casa de D. Quixote, onde havia grande alvoroço. Estavam alli o cura e o barbeiro, amigos intimos do heroe. Todos convinham que D. Quixote tinha perdido o juizo com a leitura dos livros de cavallarias e que se tinha ido pelo mundo em busca de aventuras. O lavrador começou a gritar á porta com grande alarido, a que acudiram todos, uns reconhecendo seu amigo; outros seu amo e tio, que ainda se não tinha apeado. D. Quixote pediu-lhes que guardassem para outra occasião os seus abraços, porque vinha muito mal ferido por culpa do cavallo. Levem-me para a cama, disse elle, e, se for possivel, chamem-me a sábia Urganta para me curar as feridas que recebi combatendo com dez patifes, os mais desaforados e atrevidos que tem produzido a terra. Fizeram-lhe muitas perguntas, a que não satisfez, gritando sempre que lhe dessem de comer e que o deixassem dormir. Assim se cumpriu. O cura informou-se largamente com o lavrador da maneira por que D. Quixote tinha sido encontrado, dos disparates que tinha soltado, o que foi motivo para lhe queimar os livros que tanto mal lhe tinham causado, e encasquetaram a D. Quixote que um encantador inimigo os tinha roubado.

Pouco tempo depois foi ter D. Quixote com um lavrador seu vizinho, homem honrado, se tal titulo se póde dar ao homem pobre; mas pouco fornido de miolos. E tanto trabalhou, tanto disse, tanto prometteu, que o pobre villão se decidiu a acompanhal-o para lhe servir de escudeiro. Entre outras cousas dizia-lhe D. Quixote que se dispozesse a seguil-o com bom animo, porque poderia succeder que aventura se désse em que trocasse as suas palhas pelo palacio de governador de alguma ilha. Com estas e outras que taes promessas, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos, para se fazer escudeiro de seu vizinho. Tratou logo D. Quixote de arranjar dinheiro, e, vendendo uma cousa e empenhando outra, reuniu uma somma razoavel. Pediu emprestado a um amigo uma rodela, e, apetrechado o melhor que pôde, avisou o seu escudeiro Sancho do dia e da hora em que tencionava começar as suas emprezas, a fim de que este se preparasse como era mister. Encarregou-o além d'isso de arranjar uns alforges. Sancho, como não podia fazer grandes caminhadas a pé, bifurcou-se em um excellente jumento que tinha, e, sem se despedirem das suas familias, sem serem vistos de ninguem, partiram uma noite, caminharam até amanhecer, persuadidos de que já os não alcançariam, ainda que lhes seguissem a pista.

Succedeu que D. Quixote tomasse o mesmo rumo que na sua primeira digressão: pelo campo de Montiel. Caminhando algum tempo sem o menor encontro, descobriram a final trinta ou quarenta moinhos de vento. Apenas os avistou, D. Quixote disse ao seu escudeiro: A fortuna vae-nos dispondo as cousas melhor do que poderiamos desejar. Vês alli, amigo Sancho, trinta e tantos desaforados gigantes? Vou acommettel-os e arrancar-lhes a vida! Os seus despojos come-

çarão a nossa riqueza.—Que gigantes? perguntou Sancho Pança. —Aquelles que alli vês, respondeu seu amo, com braços tão compridos, que em alguns chegam a ter duas leguas.—Olhe que aquillo que lhe parecem gigantes tornou Sancho, são moinhos de vento; parecem-lhe braços as velas que, movidas pelo vento, fazem girar a pedra.—Bem se vê, respondeu D. Quixote, que em materia de aventuras não estás lá mui versado. Aquillo são gigantes. Se tens mêdo, vae pôr-te em oração emquanto eu vou travar com elles lucta de morte.

Isto dizendo cravou as esporas no Rocinante, sem attender ás vozes de Sancho, que lhe gritava que os gigantes eram moinhos de vento. D. Quixote, porém, corria tanto quanto permittiam as forças do reu rocim, gritando: Não fujaes, cobardes e vis creaturas! É só um cavalleiro que vos acommette. N'este momento o vento que começou a soprar, fez mover as velas, e D. Quixote disse: Ainda que movesseis mais braços que os do gigante Briareo, havieis de pagar-m'as. Pedindo então soccorro á sua Dulcinea, bem coberto com o escudo, enristada a lança, investiu com o primeiro moinho, cuja vela, prendendo a lança, a fez pedaços, lançando por terra cavallo e cavalleiro, que foi rolando em misero estado pelo campo.

Acudiu Sancho Pança a soccorrel-o a todo o correr do seu asno, e viu que seu pobre amo se não podia bulir.—Valha-me Deus! disse Sancho. Eu bem lhe disse que visse o que fazia. Não podia ignorar que eram moinhos de vento senão quem tivesse na cabeça outros que taes.—Cala-te, amigo Sancho, tornou D. Quixote. As cousas da guerra mais que quaesquer outras estão sujeitas a continua mudança. Estou persuadido, e não me engano, que aquelle sabio Freston, que me roubou os livros e a sala, transformou estes gigantes em moinhos para me roubar a gloria de os vencer; mas ao cabo hão de poder pouco as suas más artes contra a bondade da minha espada.—Faça Deus como lhe aprouver, tornou Sancho, e ajudou-o a levantar-se e a montar o Rocinante, que mal podia andar; e fallando da passada aventura, seguiram caminho de Lapice, onde devia haver muito que fazer. Ia D. Quixote pezaroso por se lhe ter quebrado a lança, e disse a Sancho Pança: Lembro-me de ter lido que um cavalleiro hespanhol chamado Diego Perez de Vargas, tendo-se-lhe, em uma batalha, quebrado a espada, despegou de um azinheiro um ramo com que taes façanhas obrou n'aquelle dia, machucando mouros, que lhe ficou por sobrenome o Machuca, e tanto elle como seus ascendentes se assignaram Vargas e Machuca. Disse-te eu isto, porque o primeiro sobreiro ou carvalho que se me depare tenciono esgalhar um ramo tão bom como aquelle, com que farei taes façanhas, que te dês por feliz de ter presenciado cousas que mal poderão acreditar-se.—Á fé, disse Sancho, que o creio, como vossa mercê o diz; porém endireite-se um pouco, que me parece que vae de esguelha, talvez por moido da quéda.—Assim é, respondeu D. Quixote; e, se me não queixo da dôr, é por não ser permittido aos cavalleiros andantes gemer ainda quando pela ferida lhe saíssem as tripas.—Sendo assim, tornou Sancho, não tenho que replicar. Sabe Deus, porém, quanto eu folgára que vossa mercê se queixasse quando lhe doesse. Eu por mim queixo-me logo, mal soffra, se assim é dado aos escudeiros dos cavalleiros andantes. D. Quixote não pôde deixar de rir da simplicidade do seu escudeiro, e declarou-lhe que podia queixar-se como e quando quizesse.

Sancho observou que eram horas de tratar do estomago. O amo respondeu que não tendo vontade, podia o escudeiro comer logo que lhe apetecesse, auctorisação que muito o alegrou. Sancho tirou do alforge as provisões, e cavalgando e comendo, seguiu D. Quixote, empinando de quando em quando a borracha com tal gosto, que deixava a perder de vista um bodegueiro de Malaga. E, emquanto d'aquelle modo amiudava os tragos, nem pela mente lhe passavam as promessas do seu amo, nem tinha por excessivo trabalho, antes pelo maior descanso, o andar á cata de aventuras, por perigosas que fossem. Para concluir, passaram aquella noite debaixo de umas arvores, de que D. Quixote esgalhou um ramo sêco, em que encabou o ferro da lança. Não pregou olho em toda a noite, pensando na sua Dulcinea; para ir em tudo conforme com o que lera dos cavalleiros, que, pousando muitas noites nos bosques e despovoados, não dormiam entretidos com as lembranças das suas damas. Não succedeu assim com Sancho, que, tendo o estomago bem guarnecido, levou a noite de um somno, não o despertando, se o não chamára seu amo, nem os raios do sol que lhe batiam no rosto, nem o gorgeio das aves que saúdavam o dia que despontava.

Continuaram pelo encetado caminho de

porto Lapice, e ao cabo de alguns passos descobriram dois frades da ordem de S. Bento, cavalgando em duas mulas. Seguia-os um coche e quatro ou cinco cavalleiros com dois arrieiros. Segundo se soube depois, o coche conduzia uma dama biscainha, que se dirigia a Sevilha. Não iam os frades com ella, ainda que seguiam o mesmo caminho, porém D. Quixote, apenas os avistou, disse ao seu escudeiro: Ou eu me engano muito, ou esta ha de ser a mais famosa aventura que se tem visto, porque aquelles vultos negros que alli apparecem, são alguns encantadores que levam furtada alguma princesa n'aquelle coche, e cumpre-me a todo o custo desfazer este aggravo.—Peior será que os moinhos de vento, disse Sancho. Olhe, senhor, que aquillo são frades de S. Bento, e o coche deve trazer passageiros. Não vá ser esta como a outra.—Já te disse, Sancho, que és leigo em materia de aventuras. O que digo, é verdade, e agora o verás.

D. Quixote collocou-se no meio do caminho, e, quando lhe pareceu que o podiam ouvir, disse em altas vozes: Gente endiabrada e descommunal, largae já as altas princezas, que n'esse coche levaes forçadas, senão, preparae-vos para receberdes prompta morte em justo castigo de vossos nefandos crimes. Os frades puxaram as redeas, e ficaram admirados, assim da figura de D Quixote, como das suas palavras, ás quaes responderam: Snr. cavalleiro, nós não somos endiabrados nem descommunaes, mas dois religiosos de S. Bento, que seguimos o nosso caminho, e não sabemos se n'este coche vem ao não violentadas algumas princezas.—Para cá é que vindes bem, canalha fementida, disse D. Quixote. Eu já vos conheço. E, sem esperar resposta, deu de esporas, enristou a lança, e com tal impeto acommetteu um dos frades, que o pobre religioso se se não deixasse caír da mula, teria vindo a terra máu grado seu, e ainda mal ferido, se não morto. O outro frade, vendo o modo por que tratavam o seu companheiro, deitou a correr por aquella campina, mais ligeiro que o vento.

Sancho Pança, que viu em terra o frade, saltou ligeiro abaixo do burro, chegou-se a elle e começou a tirar-lhe os habitos. N'isto chegaram os dois moços dos frades, e perguntaram por que o despiam. Respondeu-lhes Sancho que os vestidos lhe tocaram legitimamente como despojos da batalha que seu amo D. Quixote tinha alcançado. Os moços, que não eram para graças, nem entendiam de despojos nem de batalhas, vendo que D. Quixote se tinha afastado para fallar com a gente do coche, arremetteram com Sancho, deitaram-o ao chão, e, sem lhe deixarem um pêllo na barba, o moeram a pontapés e o deixaram estendido sem sentidos, O frade, assustado, montou immediatamente e seguiu atraz do seu companheiro, que o esperava a boa distancia, fugindo ambos sem quererem esperar o fim do acontecimento, e fazendo mais cruzes do que se levassem o diabo na garupa. No entanto D. Quixote dizia á dama do coche: Podeis dispor, formosa dama, da vossa pessoa a vossa talante, porque os vossos roubadores jazem por terra derribados pelo meu forte braço, e, para que vos não amargure o ignorardes o nome do vosso libertador, sabei que me chamo D. Quixote de la Mancha, cavalleiro andante e captivo da sem par formosa D. Dulcinea del Toboso, e, em remuneração do beneficio que de mim tendes recebido, não quero que façaes mais do que irdes ao Toboso dizer da minha parte a essa donzella o que por vossa liberdade pratiquei.

Tudo o que dizia D. Quixote era escutado por um escudeiro biscainho, o qual, vendo que punham obstaculos á marcha do vehiculo, querendo fazel-o ir ao Toboso, chegou-se a D. Quixote, deitou-lhe a mão á lança e disse-lhe com má pronuncia: Não me empates as vasas. Pelo Deus que me creou te juro que, se não dixas seguir o coche, te ponho as tripas ao sol, tão certo como eu ser biscainho. D. Quixote entendeu perfeitamente, mas respondeu sereno: Se fosses cavalleiro, assim como o não és, castigaria a tua sandice e petulancia, ignobil creatura. O biscainho replicou: Não sou cavalleiro! Juro-o por Deus que o sou tanto como christão! Larga a lança, e desembainha a espada, e saberás com quem te has! Biscainho por terra, fidalgo por mar. Vaes de presente ao diabo, se mais nada dizes!—Vejamos se obras como fallas, disse D. Quixote. E arrojando a lança desembainhou a espada, e sopesou o escudo para arremetter com o biscainho, decidido a arrancar-lhe a vida. O biscainho quizera separar-se da mula, na qual não confiava muito, mas não teve tempo senão de puxar pela espada. Succedeu-lhe ficar proximo do coche, pegou de uma almofada para lhe servir de escudo e defendeu-se. Na lucta os dois campeões acommetteram-se como dois figadaes inimigos,

não sendo possivel a ninguem o accommodal-os.

O biscainho, descarregando uma forte cutilada no hombro de D. Quixote, feriu-lhe uma orelha e levou-lhe parte da armadura, que fez rolar ao chão. O heroe, vendo-se ferido d'aquelle modo, entrou em tamanha furia, que, firmando-se nos estribos, e agarrando na espada ás mãos ambas, deu sobre o seu adversario, acertando-lhe em cheio sobre a almofada e sobre a cabeça. O sangue começou a repuxar-lhe pelas ventas, pela bôca e pelos ouvidos! A mula espantada deitou a correr pelo campo, e deu com o cavalleiro em terra. D. Quixote apeou-se então de um pulo, e, ameaçando-o com a espada, ordenou-lhe que se rendesse, se não queria decepada a cabeça.

As senhoras intervieram, pedindo-lhe a vida do seu escudeiro. A minha vontade é a vossa, senhoras, respondeu D. Quixote; perdôo com a condição que este cavalleiro ha de ir ao logar do Toboso apresentar-se da minha parte á sem par D. Dulcinea, para que d'elle faça o que lhe aprouver. As afflictas damas, sem perguntarem quem era a tal Dulcinea, prometteram tudo quanto se lhe exigiu — Pela caução da vossa palavra, tornou D. Quixote, não lhe farei mais damno algum.

CAPITULO IV

Aventuras desgraçadas dos alquiladores e dos rebanhos. — Aventura da liteira

Sancho Pança, que presenciára attento a lucta do seu amo, aproximou-se, e ajudou-o a montar. D. Quixote pôz-se a caminho sem se despedir das senhoras do coche e entrou em um bosque, seguido do seu escudeiro.

Caminharam o resto do dia sem acontecimento notavel, e pernoitaram nas choças de uns cabreiros, que os acolheram benignamente. Ceiaram e dormiram entre elles até ao romper do dia.

Apenas raiou a luz, despediram-se dos cabreiros, e, tendo caminhado algum tempo por um espesso bosque, chegaram a um prado coberto de relva, cortado por um arroio limpido, sitio aprazivel que os convidou a passar as horas da sesta. Apearam-se e deixaram cavallo e jumento pascer á vontade. Deram saque nos alforges, e sem, ceremonias, amo e moço comeram o que encontraram. Descuidára-se Sancho de travar Rocinante, porque o tinha por manso e bem comportado. Quiz, porém, o diabo que andassem pastando por aquelle valle uma manada de poldras de uns arrieiros que alli descansavam tambem, as quaes receberam Rocinante ás dentadas e aos couces, de modo que lhe romperam a silha e lhe tiraram a sella. Os arrieiros caíram-lhe em cima á bordoada e deixaram-o estendido.

N'estes comenos D. Quixote e Sancho, que tinham presenciado a sova que levára o cavallo, chegavam arquejando. — Aquillo não são cavalleiros, disse D. Quixote a Sancho, mas gente soez e ralé baixa, razão por que me pódes ajudar a vingar o insulto que á nossa vista fizeram a Rocinante. — Que diabo de vingança havemos de tomar, respondeu Sancho, se são mais de vinte contra dois ou talvez um e meio? — Eu valho por cem, respondeu D. Quixote; e, sem mais ouvir, empunhou a espada, e arremetteu com elles. Sancho, afoutado por seu amo, segui-lhe o exemplo. D. Quixote descarregou uma cutilada em um, que lhe rasgou um saio de couro e lhe levou parte da espádoa. Os arrieiros, vendo-se em numero tão consideravel, atacados por dois homens, sós, agarraram dos páus, metteram-os no meio, e amiudaram com tal força, que á segunda bordoada estavam ambos em terra.

Alcançada a victoria, os arrieiros ausentaram-se com toda a presteza, deixando os aventureiros em máu estado.

Voltando a si, D. Quixote e Sancho montaram como poderam, e proseguiram no seu caminho. Ao cabo de uma hora descobriram uma taverna, que D. Quixote tomou por castello, apesar da teima de Sancho em contrario. Entraram e pernoitaram alli.

Na manhã seguinte, depois de terem caminhado algum tempo, descobriram ao longe dois rebanhos de ovelhas. D. Quixote pensou immediatamente que eram dois poderosos exercitos que iam combater. Não pôde Sancho desfazer-lhe a illusão! D. Quixote, sem attender a nada, começou ás lançadas ás ovelhas de um d'elles. Os pastores pegaram nas fundas e começaram a lançar sobre D. Quixote uma tal chuva de pedras, que o lançaram por terra, e, julgando que o tinham matado, continuaram a toda a pressa o seu caminho. Acudiu Sancho, e ajudando-o a montar, passou-se o dia sem acontecimento notavel.

Ia já adiantada a noite, que era bastante escura, quando viram grande multidão de homens que a elles se dirigiam. Traziam na

mão brandões, porque acompanhavam um cadaver conduzido em umas andas. Tudo, homens, andas, mulas, ia coberto de luto. Sancho tremia como varas verdes; porém D. Quixote, sempre animoso, parou no meio da estrada. Quando o prestito se aproximou, D. Quixote perguntou a um dos que o compunham, quem eram e a que iam a taes horas. Como lhe não dessem resposta, D. Quixote começou ás lançadas, derribando uns, e afugentando os outros. Sancho Pança no entanto foi saqueando uma azemola que carregava provisões de bôca, e deitou ao lombo do seu jumento o que melhor lhe pareceu. E seguiram o seu rumo.

Tinham já andado muito, seguindo por um prado acima, quando descobriu D. Quixote um homem montado, que levava na cabeça uma cousa que fulgia como ouro. Era o caso que n'aquelle contorno havia dois logares, um tão pequeno que nem tinha botica nem barbeiro, de modo que era servido pelo *mestre* do outro. Tinha necessidade um enfermo de sangrar-se, e um são de fazer a barba, de modo que o barbeiro trazia uma bacia de latão. A chuva, que então caía, fez com que elle a collocasse na cabeça para cobrir o chapéo. D. Quixote, que em tudo via as suas desvairadas cavallarias, disse a Sancho: Alli vem um cavalleiro montado em um fogoso corcel russo, e traz na cabeça o famoso elmo de ouro de Mambrino. E, sem attender ás vozes do seu escudeiro, investiu com o barbeiro, gritando: Defende-te, vil creatura, ou entrega-me espontaneamente o que com tanta razão se me deve. O barbeiro, que tão inesperadamente viu vir aquelle phantasma, deixou-se caír do burro abaixo, e fugiu veloz como um gamo, largando a bacia. D. Quixote, satisfeito, pôl-a na cabeça e pôz-se a almoçar com Sancho, que não podia suster o riso.

Findo o almoço, seguiram seu caminho, quando viram vir doze homens a pé, enfiados como contas, em uma grande cadeia de ferro pelo pescoço, e com anjinhos nas mãos. Acompanhavam-os dois homens a cavallo e dois a pé. Sancho disse assim que os viu: São forçados, que por seus crimes vão para as galés.—Forçados?! perguntou D. Quixote. Então devo soccorrel-os, que assim manda a ordem de cavallaria que professo. E, dirigindo-se lego aos presos e aos guardas, ordenou a estes que soltassem aquelles. Recusando os guardas, D. Quixote enfurecido acommetteu-os e derribou um. Os presos, aproveitaram-se d'esta conjunctura, começaram a desatar-se e a apedrejar os guardas que só levavam dardos e espadas, e os fizeram fugir. D. Quixote disse depois aos malfeitores que em paga da mercê que lhes tinha feito, fossem como estavam, de cadeia ao pescoço, ao Toboso, e se apresentassem a D. Dulcinea. Os presos recusaram-se, e D. Quixote começou a vomitar mil improperios. Os forçados então afastaram-se e arrojaram tantas pedras a D. Quixote e a Sancho, que os deitaram por terra. Depois roubaram a D. Quixote a capa que trazia por cima da armadura, e a Sancho o gabão, fugindo cada qual para seu lado.

CAPITULO V.

Da penitencia que fez D. Quixote em Serra Morena, e do modo por que voltou á sua aldeia.—Terceira saída de D. Quixote, e aventuras do encanto de Dulcinea, do carro dos comediantes, e do cavalleiro dos Espelhos.

Vendo-se D. Quixote em tão misero estado, disse ao seu escudeiro: Sancho, toda a vida ouvi dizer que fazer bem a villões é deitar perolas a porcos. Se acreditasse o que me disseste, tinha evitado este pesadelo. O mal está feito, é escarmento para o futuro. —Assim ha de escarmentar vossa mercê, tão certo como eu ser turco, respondeu Sancho. Como, porém, confessa que se me crêsse, teria evitado tanto mal, creia-me agora para evitar mal maior. Fique sabendo que com a santa inquisição não podem ter logar as cavallarias, e eu já lhes ouço o roçagar das saetas.—És naturalmente cobarde, Sancho, disse D. Quixote; porém, para que não digas que sou contumaz, quero d'esta vez aproveitar o teu conselho. Imponho-te todavia a condição de nunca em vida dizeres que foi por mêdo, se não por attender a teus rogos, que me retirei d'este perigo. E Sancho e D. Quixote, montando a cavallo, seguiram o caminho de Serra Morena, o primeiro com intenção de atravessal-a e ir saír a Viso ou a Almodovar do Campo, e esconder-se alguns dias por aquellas espessuras para escapar ás buscas da inquisição.

Depois de caminharem muito tempo por Serra Morena, D. Quixote disse ao seu escudeiro que, para não perder o tempo que estivesse n'aquellas asperezas, e para imitar outros cavalleiros andantes famosos, tencionava alli fazer uma penitencia em honra da

sua dama D. Dulcinea. Baldo foi o intento de Sancho em o querer dissuadir. Pelo contrario D. Quixote, depois de o encarregar de ir a Toboso levar uma carta a Dulcinea, despiu-se, ficando tão sómente em ceroulas, e logo sem mais preambulos deu duas cambalhotas no ar e dois tombos de cabeça para baixo. Feito isto, disse a Sancho: Vae ter com a minha doce inimiga D. Dulcinea, e conta-lhe a rigorosa penitencia que por ella está fazendo o seu cavalleiro nas entranhas da Serra Morena. Sancho despediu-se, e, deixando seu amo entregue á loucura, tomou o caminho de Toboso.

No dia seguinte chegou a uma taverna, onde encontrou o cura e o barbeiro da sua aldeia, que lhe perguntaram por D. Quixote. Sendo-lhe narrado tudo fielmente, admirados e compadecidos trataram de deter Sancho e de arrancar D. Quixote do estado miseravel em que se achava. Fielmente veio ao cura uma ideia muito accommodada ao gosto de D. Quixote, ideia que devia sortir o effeito desejado. Vestiu-se o barbeiro de donzella andante, e o cura, de escudeiro; e assim foram onde estava D. Quixote. O barbeiro disse ser uma donzella afflicta, que vinha rogar-lhe um serviço, que de certo um cavalleiro andante lhe não poderia recusar, o qual era vingar um insulto que um indigno cavalleiro lhe tinha feito, exigindo que lhe não mandasse tirar o véo, nem pretendesse premio antes de concluida a empreza. Esta artimanha deu o resultado desejado: D. Quixote regressou aos seus lares.

D. Quixotê foi recebido pela ama e pela sobrinha com as maiores mostras de alegria, bem como Sancho pela mulher. Passou D. Quixote em sua casa, com a maior tranquillidade, um mez, ao cabo do qual se lhe accendeu de novo o desejo de ir em busca de aventuras. Effectivamente, depois de ter induzido Sancho a seguil-o, saíram ambos uma noite em direcção a Toboso. A pequena distancia Rocinante começou a rinchar e o rocim a suspirar, o que o amo e creado tomaram por bom agouro. Para sermos exactos cumpre que se declare que mais foram os suspiros do burro que os rinchos do cavallo, do que colligiu Sancho que a sua ventura sobrepujaria a de seu amo.

Disse D. Quixote: A noite corre a passos agigantados, e temos de andar a ver se ao romper do dia estamos em Toboso, onde, antes de começar outra aventura, quero ir receber a benção e auctorisação da sem par D. Dulcinea, auctorisação com que tenho por certo hei de levar a cabo a mais perigosa empreza, porque nada n'esta vida faz mais valentes os cavalleiros andantes que o favor das suas damas. E assim conversando chegaram ao Toboso pela meia noite. Estava a aldeia em um silencio sepulcral, porque tudo dormia como pedra em poço. Não se ouvia senão os latidos dos cães, que aturdiam os ouvidos e enlutavam o coração de Sancho. De quando em quando zurrava o jumento, ganiam os cães, miavam os gatos, concerto infernal, que mais distincto tornava o silencio da noite. O enamorado cavalleiro tomou isto por máu agouro, mas não deixou de dizer a Sancho: Ao palacio de Dulcinea, talvez que já esteja acordada. — Senhor, disse Sancho, são horas de achar a porta aberta? Convirá bater a aldraba, para sermos ouvidos e pormos em alvoroço toda a gente? — Achemos primeiro o alcaçar, Sancho, disse D. Quixote, e depois te direi o que se ha de fazer.

Finalmente, depois de muito altercar disse o escudeiro: Senhor, vae raiar o dia, e não convem que nos ache o sol na rua. Melhor será saírmos da cidade, e embuscar-se vossa mercê aqui em alguma floresta proxima, e eu virei de dia, e correrei tudo até achar o palacio da minha ama, e achado elle fallarei com ella, e lhe direi onde está vossa mercê esperando que lhe dê traças para a ver sem menoscabo da sua honra e fama. — Disseste, respondeu D. Quixote, mil sentenças no circulo de breves palavras. O conselho que me dás, adopto-o de boamente. Vem, filho, procuremos onde me esconda, e tu virás, como dizes, fallar com aquella, de cuja discrição e cortezia espero mais que milagrosos favores. Saíram da povoação, e a duas milhas encontraram uma floresta, onde se embuscou D. Quixote, emquanto Sancho veio á cidade, embaixada em que succederam cousas estupendas.

Partiu, pois, Sancho em direcção a Toboso, mas assim que se achou a distancia de D. Quixote, apeou-se e sentando-se junto de uma arvore, começou a fallar comsigo mesmo: Saibamos agora, snr. Sancho, aonde dirige os seus passos? Vae buscar sem mais tir-te nem guar-te uma princeza que é um sol de formosura. E aonde a ha de encontrar? Na grande cidade do Toboso. Da parte de quem? Do famoso cavalleiro D. Quixote de la Mancha. E sabe onde ella mora? Diz meu amo que em soberbos alcaceres ou

palacios reaes. E já a viu alguma vez? Nunca a vimos, nem eu nem meu amo. E acha salutar que se os do Toboso soubessem que estavam na intenção de surripiar-lhes as suas princezas, viessem moel-o á paulada sem lhe deixar osso são? Muito bem, tudo tem remedio, menos a morte. Este meu amo cá por certos indicios é louco de amarrar, e eu não lhe fico atraz, pois que o acompanho e o sigo, se é verdade o que diz o rifão: *Diz-me com quem andas, dir-te hei as manhas que tens.* Sendo, pois, maluco como é, e tão maluco que as mais das vezes toma o branco pelo preto, e o preto pelo branco, como quando disse que os moinhos de vento eram gigantes e os rebanhos exercitos, e outras de igual jaez, não será difficil fazer-lhe crer que uma lavradeira, a primeira que encontrar por aqui, é a snr.ª D. Dulcinea, e, quando o não creia, jurarei; se elle jurar, jurarei eu de novo; se teimar teimarei mais que elle, e sustentarei a mentira, succeda o que succeder.

E Sancho, socegado o espirito, deu por concluida a commissão. Esperou até á tarde, para que D. Quixote pensasse que tinha ido e vindo de Toboso. Succedeu que quando se levantou para montar, viu que do Toboso vinham tres lavradeiras em tres poldras. Immediatamente foi ter com D. Quixote, que encontrou suspirando e soltando amorosas queixas. Disse Sancho: Dê se pressa vossa mercê em saír ao campo a ver a snr.ª D. Dulcinea del Toboso, que, com mais duas donzellas suas, o vem visitar.—Santo Deus! Que dizes tu, ó Sancho amigo?! disse D. Quixote.—Sim, senhor, venha e verá a princeza nossa ama vestida e adornada como quem é. Ella e as suas amas são todas ouro, todas perolas, todas diamantes. Montam tres *cananeas* ajaezadas como nunca se viu —*Hacaneas* queres dizer, Sancho?—Não é lá grande a differença de uma cousa a outra, respondeu Sancho; porém montem o que montarem, veem tão formosas quanto se póde desejar, principalmente a snr.ª D. Dulcinea, minha ama, que deslumbra os olhos.

A estas palavras, tendo já saído do bosque, descobriram perto as tres aldeãs. Espraiou D. Quixote a vista por todo o caminho do Toboso, e, como não viu senão as tres lavradeiras, entristeceu-se, e perguntou se tinham ficado fóra da cidade. — Como fóra da cidade? respondeu Sancho. Porventura tem vossa mercê os olhos abotoados, que não vê que são estas que aqui vem, resplandecentes como sol ao meio dia? — Não vejo, Sancho, senão tres lavradeiras montadas em tres burricos, respondeu D. Quixote. — Livre-me Deus do diabo, tornou Sancho. É possivel que tres eguas brancas como a neve lhe pareçam jumentos? Negro seja eu se lhe não digo a verdade.

Finalmente, depois de longo debate, Sancho persuadiu D. Quixote que as tres lavradeiras eram Dulcinea e duas donzellas suas, encantadas talvez pelo magico roubador dos livros, que o perseguia. Desesperado D. Quixote, prorompeu em exclamações, depois do que tomou o caminho de Saragoça a fim de assistir a umas festas solemnes que alli se celebram annualmente. Pouco tinham andado quando descobriram um carro carregado com os mais estranhos personagens. O conductor era um feio demonio. O carro não tinha toldo. A primeira figura que se offereceu aos olhos de D. Quixote, foi a morte com rosto humano; ao pé estava um anjo com azas de papel pintado; a um lado, um imperador, tendo na cabeça uma corôa de ouro, segundo parecia; aos pés da morte, o deus Cupido, sem venda, mas com arco, aljava e settas. Vinha tambem um cavalleiro armado de ponto em branco, tendo por elmo um chapéo com diversas pennas. Havia mais algumas figuras em trajes differentes.

Crendo D. Quixote que se lhe offerecia alguma nova e perigosa aventura, pôz-se diante do carro e disse com voz troante: Carreiro, cocheiro ou diabo, apressa-te a dizer-me quem és, onde vaes, que gente é essa que conduzes n'esse coche, que mais me parece a barca de Caronte. O diabo, parando o carro, responpeu mansamente; Somos comediantes da companhia de Angulo o máu. Esta manhã, alli em uma povoação que fica por detraz d'aquella eminencia representamos o auto das Côrtes da Morte, e vamos repetir a representação áquelle povo que d'aqui se avista. Como é perto, não nos despimos para poupar trabalho.—Segui vosso caminho, boa gente, e fazei a vossa festa. N'isto chegou um da companhia, que vinha vestido de polichinel, empunhando um páu, de cuja extremidade pendiam tres bexigas. Aproximando-se de D. Quixote começou a bater no chão com as bexigas e a fazer tenir os cascaveis, de modo que Rocinante espantou-se e deu com o amo em terra. Sancho apeou-se e correu a soccorel-o; mas no entanto o das bexigas montou no cavallo, e, açoutando-o, o

fez voar até ao local onde devia ter logar a festa. Por felicidade quiz a sorte que o das bexigas caísse tambem, e o cavallo, deixando-o estirado, deitou a correr para seu dono.

D. Quixote, que já se tinha levantado com a ajuda de Sancho, seguiu seu caminho sem mais accidente. Passaram a noite debaixo de umas arvores altas e frondosas. Seriam pouco mais de onzes horas quando foram acordados pelo ruido que fez um homem apeandose, e que se deitou sobre a relva, o qual se pôz a cantar uns versos enamorados.

D. Quixote e o recem-chegado travaram conversação. Eu chamo-me o cavalleiro dos Espelhos, disse o outro, e sou amante da formosa Casildea de Vandalia. Esta mulher deshumana, depois de mil emprezas arriscadas, em que me metteu para experimentar o meu amor, mandou-me agora correr todas as provincias de Hespanha, e fazer confessar a todos os cavalleiros andantes que encontrasse, o que faço, que é ella a mais formosa de quantas vivem, e eu o mais valente e mais enamorado cavalleiro do orbe. Tenho já andado a maior parte da Hespanha, e venci muitos cavalleiros que se atreveram a contradizer-me; porém do que mais me prézo é de ter vencido em duello o famoso D. Quixote de la Mancha, e de o ter feito confessar que a minha Casildea é mais formosa que a sua Dulcinea. Ao ouvir isto, o cavalleiro D. Quixote quiz responder atrevidamente ao cavalleiro dos Espelhos, dizendo-lhe *mentis;* porém contentou-se com dizer-lhe que não punha dúvida em que tivesse vencido todos os cavalleiros andantes de Hespanha; mas que se enganava quanto a D. Quixote, porque era o cavalleiro com quem fallava. A estas palavras seguiram-se outras, e finalmente ajustou-se um duello para o dia seguinte sob a condição de que o vencido ficaria á mercê do vencedor.

Chegado o dia, appareceu o cavalleiro dos Espelhos de viseira descida, de modo que D. Quixote lhe não pôde ver o rosto. Montaram, e, sem esperar som de trombeta, afastando-se, correram um contra o outro com as lanças enristadas como se fossem capitaes inimigos. Foi D. Quixote mais feliz que o seu adversario, pois que de uma lançada o fez caír pelas ancas do cavallo sem dar signaes de vida. D. Quixote, apeando-se do Rocinante, aproximou-se do cavalleiro, e, levantando-lhe a viseira, para ver se estava morto, ficou estupefacto ao ver as feições de um vizinho amigo seu, chamado Sansão Carrasco. D. Quixote creu que algum encantador lhe tinha transformado o rosto para moderar a sua cólera, e, assim, sem deter-se em mais averiguações, esperou que elle desse alguns signaes de vida, o que não tardou a succeder. D. Quixote pôz-lhe a ponta da espada á cara e disse:—Morreis, cavalleiro, se não confessaes que a sem par Dulcinea del Toboso sobrepuja em belleza á vossa Casildea de Vandalia; e, além d'isso, deveis ir á cidade de Toboso apresentar-vos da minha parte á minha dama, para que de vós faça o que quizer. Assim foi promettido; e D. Quixote e Sancho proseguiram no caminho de Saragoça.

CAPITULO VI.

Dá-se noticia de quem era o cavalleiro dos Espelhos.—Refere-se a aventura dos leões, e o que succedeu a D. Quixote e Sancho com um barco encantado.

Antes de passarmos adiante cumpre que digamos quem era o cavalleiro dos Espelhos. Era elle um amigo e vizinho de D. Quixote, que se chamava o bacharel Sansão Carrasco, o qual, aconselhado pelo cura e pelo barbeiro, vestido de cavalleiro andante foi em busca de D. Quixote com intenção de travar batalha por qualquer pretexto. Pensando que seria facil vencel-o, queria tirar em condição o mandal-o recolher a casa dois annos, o que D. Quixote cumpriria para não faltar ás leis de cavallaria, e poderia ser que durante o tempo da sua reclusão lhe esquecessem as vaidades, ou se lhe désse remedio á loucura. Em consequencia d'isto o bacharel saíu da sua aldeia em procura de D. Quixote, a quem encontrou no bosque, onde succedeu o que deixamos referido.

Voltemos a D. Quixote, que segue caminho de Saragoça.

Caminharam longo espaço D. Quixote e Sancho sem acontecimento notavel; até que por fim deram com um carro que levava duas ou tres bandeiras, no qual iam ao das o conductor montado em uma das mulas e um homem sentado na dianteira. Atravessou-se adiante D. Quixote e disse: Onde ides, irmãos? que carro é este? que levaes? que bandeiras são estas? Ao que o carreteiro respondeu: — O carro é meu; o que conduz são dois leões engaiolados que o general de Oram envia a sua magestade; as bandeiras são de el-rei, nosso senhor, em signal de que vae aqui cousa sua. — E são grandes os

leões? perguntou D. Quixote. — Tamanhos, respondeu o homem que ía na dianteira do carro, que ainda não vieram maiores da Africa a Hespanha. São macho e femea: o macho vae na primeira jaula, e a femea na de traz, e agora vão mui famintos, porque ainda não comeram hoje, e por isso não nos demore, porque é mister chegar depressa onde se lhe dê alimento. D. Quixote respondeu sorrindo: — Leões?! Eu com leões a taes horas? Ora ha de ver essa gente que para cá os manda, se eu sou homem que tenha mêdo de leões. Apeia-te, bom homem, e, como és o domador, abre essas jaulas, põe fóra essas feras, que no meio d'esta campina lhes darei a conhecer quem é D. Quixote de la Mancha, a despeito dos encantadores que m'os mandam.

O domador recusou fazer o que D. Quixote queria, mas teve de ceder ás ameaças. Em balde Sancho Pança com as lagrimas nos olhos supplicou a D. Quixote que desistisse da empreza, em comparação da qual era um brinquedo os moinhos, e todas as façanhas que obrára em sua vida. — Olhe, senhor, dizia Sancho, que aqui não ha encanto nem cousa que o pareça, porque eu vi através das grades uma garra de leão verdadeiro, garra da qual concluo que o leão é da corpulencia de uma montanha. Foi, porém, tudo em vão, porque D. Quixote, saltando do Rocinante, arremessou a lança, embraçou o escudo e, desembainhando a espada, a passos curtos, com arrojado denodo se postou diante do carro, encommendando-se a Deus de todo o coração, e logo á sua Dulcinea.

Vendo o leoneiro D. Quixote em attitude, e conhecendo que não podia deixar de soltar o leão, sob pena de caír no desagrado do indignado e atrevido cavalleiro, abriu de par em par a jaula, e a fera mostrou-se de extraordinaria grandeza e feia catadura. O que primeiramente fez, foi revolver-se na jaula, estender as garras e espreguiçar-se toda, escancarou as queixadas e bocejou, e, botando fóra uma lingua de dois palmos, limpou os olhos e lavou o rosto. Depois pôz a cabeça fóra da jaula, e observou tudo com olhos de fogo e juba hirta, que amedrontaria a propria temeridade. Só D. Quixote o olhava attentamente, ancioso por o ver saltar do carro para o apertar nos braços, entre os quaes cuidava fazel-o pedaços. Até aqui chegou o extremo da sua nunca vista loucura; mas o generoso leão, mais comedido que arrogante, não fazendo caso nem de bagatelas nem de bravatas, virou as trazeiras a D. Quixote, e, com grande fleugma se recolheu á jaula, o que vendo D. Quixote, ordenou ao leoneiro que o fizesse saír á paulada. — Em tal não caio eu, respondeu o leoneiro, porque se o instigo, é a mim que elle primeiro despedaça. Contente-se, snr. cavalleiro, com as provas de valor que ostentou, e não tente mais fortuna. O leão tem aberta a porta e póde saír ou deixar de saír, porém, como o não fez até agora, não sairá em todo o dia. A grandeza do seu coração está bem provada. Nenhum bravo pelejador, cá no meu parecer, é obrigado a mais do que a desafiar o inimigo e a esperal-o em campo; e se o adversario não acode, n'elle se fica a infamia, e a gloria no primeiro. — Assim é, amigo, redarguiu D. Quixote. Fecha a jaula e dá-me um documento em que eu prove o que me viste fazer, isto é, que abriste a porta ao leão, que o esperei, que elle não saíu, etc., etc. Nada mais exijo, e vão-se os encantos, e ajude Deus a cavallaria, e conclue como te disse.

Assim fez o leoneiro, e D. Quixote ordenou a Sancho que lhe désse dois escudos de ouro, um para cada um. O leoneiro beijou as mãos a D. Quixote pela mercê recebida, e prometteu contar ao rei aquella inaudita façanha logo que chegasse á côrte. Se acaso sua magestade, disse D. Quixote, perguntar quem obrou tal prodigio, dir-lhe-heis que foi o *Cavalleiro dos Leões*, que assim me chamarei d'aqui em diante. O carro continuou o seu caminho, e D. Quixote e Sancho tambem.

Depois de longo caminhar e de passarem varias aventuras, chegaram finalmente ao rio Ebro, cuja vista deu grande gosto a D. Quixote. Acharam alli um pequeno batel sem remos que estava atado a um tronco. D. Quixote, olhando para todas as partes e não vendo ninguem, apeou-se, ordenando a Sancho que fizesse o mesmo, que atasse os cavallos a um tronco, acrescentando: — Saberás, Sancho, que este barco está aqui a convidar-me a ir soccorrer algum cavalleiro, ou qualquer outra pessoa, porque assim mandam os livros de cavallaria. Assim Deus me guie, que não deixarei de embarcar, ainda que m'o peçam frades descalços. Metteram-se D. Quixote e Sancho no barco, e, cortando a amarra, se foram pouco a pouco afastando da margem.

E assim foram caminhando algum tempo sem occorrencia alguma notavel, até que des-

cobriram umas grandes azenhas que estavam no meio do rio. D. Quixote exclamou: Vês, amigo? alli se descobre a cidade, castello ou fortaleza, onde deve estar algum cavalleiro opprimido ou alguma rainha, infante ou princeza mal parada, em auxilio da qual sou aqui trazido. Qual cidade, fortaleza ou castello, nem qual diabo? disse Sancho. Não vê que são azenhas que estão no rio, nas quaes se moe o trigo? — Cala-te, Sancho, que ainda que pareçam azenhas, não o são. Tenho-te dito que todas as cousas se mudam pelos encantos. O barco começou a vogar então menos lentamente.

Os moleiros que viram que o barco ia embocar pelos açudes, correram a detel-o com longas varas, e, como vinham cobertos de pó da farinha, tinham uma apparencia repellente. Em altos gritos diziam: Ó malditos, aonde ides? vindes desesperados? quereis afogar-vos e despedaçar-vos n'estas rodas?— Não te disse, Sancho, observou D. Quixote, que chegamos aonde posso mostrar o valor do meu braço? Vê que farrapilhas nos sáem ao encontro, os obstaculos que me oppõem, as feias cataduras com que pretendem amedrontar-nos. Agora o vereis, velhacos. E posto em pé no barco com grandes alaridos começou a ameaçar os moleiros, dizendo-lhes: Canalha malvada e desasisada, dae a liberdade á pessoa que na vossa prisão ou fortaleza tendes opprimida, de alta ou baixa condição que seja, que vol-o ordena D. Quixote de la Mancha, chamado o *Cavalleiro dos Leões*, a quem está reservado por ordem dos altos céos o dar fim feliz a esta aventura. E assim dizendo, lançou mão á espada e começou a esgrimil-a no ar contra os moleiros, os quaes, ouvindo, mas não entendendo aquellas sandices, se pozeram com as varas a deter o barco, o que conseguiram, ainda que obrigando os navegantes a um banho forçado, porque o viraram. Foram, porém, immediatamente soccorridos.

N'este tempo chegaram os donos do barco que se tinha feito pedaços, e disseram a D. Quixote que lh'o pagasse, ao que elle respondeu que de boa vontade o faria contanto que lhe entregassem a pessoa ou pessoas que n'aquelle castello estavam reclusas. —Que pessoa ou que castello, homem sem juizo? respondeu um dos moleiros. Queres levar porventura as que vem moer o trigo?— Basta, disse comsigo D. Quixote, é prégar no deserto o querer reduzir esta canalha a fazer por meio de supplicas alguma acção boa. N'esta aventura se devem ter encontrado dois valentes encantadores, e um estorva o que o outro intenta: um deparou-me o barco, e o outro deu commigo no rio. Deus endireite o mundo, que tudo n'elle são machinas contrarias umas ás outras. Já não posso mais, acrescentou elle, dirigindo a voz para as azenhas; já não posso mais, amigos meus. Quem quer que sejaes, vós que ahi estaes encerrados, perdoae-me, que por desgraça minha e vossa não vos posso arrancar d'essa masmorra. Para outro cavalleiro deve estar reservada esta aventura. Dizendo isto combinou com os pescadores o preço do barco, que pagou por cincoenta reales, que Sancho deu de má vontade. Depois voltaram ao sitio onde tinham deixado os cavavallos, em que montaram para seguir viagem.

CAPITULO VII.

Do que succedeu a D. Quixote e Sancho com uns duques na cidade de Barcelona.—Batalha de D. Quixote com o cavalleiro da Branca Lua.—Regresso de Sancho e de D. Quixote á sua aldeia.—Morte de D. Quixote, e conclusão da historia.

Pouco tinham caminhado quando viram ao longe uma senhora ricamente vestida, que caçava em companhia de varios cavalleiros. D. Quixote, assim que a viu, correu a fallar-lhe e offerecer-lhe os seus serviços, crendo-a princeza. A caçadora, que era uma duqueza, cujo titulo não diz a historia, tinha já noticia das loucuras de D. Quixote, e como ella, e igualmente o duque seu marido, era joven, resolveram passar alguns dias divertidos á custa do pobre manchego e do seu simples escudeiro. N'esta intenção os obrigaram a ir passar algum tempo em sua companhia, dando-lhes o tratamento que ordenam os livros de cavallaria. E de tal modo se houveram, que D. Quixote chegou a persuadir-se que era cavalleiro andante em corpo e alma, ao ouvir que lhe davam o tratamento que tiveram os cavalleiros dos passados seculos.

Permaneceu algum tempo D. Quixote em casa dos duques, que com elle e com o seu escudeiro se divertiram largamente, fazendo-lhes crer cousas estupendas. Um dia que se achavam em uma caçada todos reunidos, mandaram vestir de encantadores varios creados, que, collocados em magnificas carroças e acompanhados de musicos e outros creados desfarçados em diabos e outras figu-

ras extravagantes, foram ao bosque e com grande estrepido e alaridos passaram em frente de D. Quixote, a quem fizeram crer que Dulcinea estava encantada verdadeiramente, e que o encanto se não quebraria emquanto Sancho Pança não désse em si mesmo tres mil e trezentos açoutes. O malfadado escudeiro recusava-se á *pelota*, mas cedeu emfim ás instancias dos duques e de seu amo o cavalleiro dos Leões, sob condições de dividir o numero em fracções e determinar os prasos para cada dóse.

Os duques mandaram depois Sancho Pança a um dominio seu, que tinha uns mil habitantes, chamado Baratario, persuadindo-o de que era uma ilha por nome Barataria, de que o faziam governador. Demorou-se Sancho Pança sete dias na supposta ilha, tempo em que foi alvo continuo das chufas de quantos o rodeavam. Atormentavam-o com perguntas sem conta, e obrigavam-o a sentenciar pleitos fingidos. Davam-lhe pouco ali-[illegible] Finalmente taes torturas lhe fizeram, [illegible] desgraçado se chegou a aborrecer de [illegible]ue ao oitavo dia, de madrugada, foi [illegible]ariça, deu um beijo de paz na fronte [illegible] russo, arreou-o, despediu-se dos in-[illegible] montou e foi ter com seu amo, o ca-[illegible]o dos Leões, cansado já da vida ociosa que passava em casa dos duques, e persuadido de que fazia grande falta no mundo, despediu-se no dia seguinte, e, acompanhado do seu escudeiro, partiu em busca de novas aventuras.

Depois de jornadear por alguns dias, em que succederam cousas admiraveis, chegaram a Barcelona, onde viram uma cabeça encantada, segundo se dizia, a qual deu muito que fazer a D. Quixote. Visitaram o porto, aonde serviram de alvo ás mofas dos marinheiros. Descuidoso estava D. Quixote, quando uma manhã, saíndo a passear coberto com todas as suas armas, viu aproximar-se um cavalleiro igualmente armado, tendo no escudo uma lua resplandecente. A distancia que podia ser ouvido de D. Quixote, disse: Cavalleiro D. Quixote de la Mancha, eu sou o cavalleiro da Branca Lua, que has de conhecer pela fama de suas inauditas façanhas. Venho pelejar comtigo, para que confesses que a minha dama, seja quem for, é sem comparação mais formosa que a tua Dulcinea. A tua confissão poupa-te a ti a vida, e a mim o trabalho de t'a tirar. Se fores vencido, deixarás as armas por espaço de um anno, vivendo na tua aldeia em completo socego, porque assim convem ao augmento da tua fazenda, e á salvação da tua alma. Se fores vencedor, ficará minha cabeça á tua discrição, serão teus os meus despojos, armas e cavallo, e tua a minha fama.

Aceitou D. Quixote o duello com todas as condições, e, sem mais demora, escolhendo sitio, correram um para o outro como mortaes inimigos. A dois terços da distancia em que se haviam collocado os campeões, abalroou o cavalleiro da Branca Lua a D. Quixote com tal força que derrubou Rocinante. Foi logo sobre o cavalleiro, e, pondo-lhe a lança sobre a viseira, lhe disse: Vencido sois, cavalleiro, e morto sereis se não confessaes as condições do nosso desafio. D. Quixote, moido e aturdido, disse sem levantar a viseira: Dulcinea del Toboso é a mais formosa mulher do mundo, e eu, o mais desventurado cavalleiro do mundo, e não é bem que a minha fraqueza defraude esta verdade. Enrista a lança, cavalleiro, e tira-me a vida, já que me tiraste a honra.

Tal não farei, respondeu o cavalleiro da Branca Lua. Viva na sua inteireza a fama da formosura da snr.ª Dulcinea del Toboso, que só me contento com que o grande D. Quixote se retire a seus lares um anno ou o tempo que eu lhe ordenar, como combinamos antes do combate.

Disse D. Quixote que, como lhe não pedisse cousa que fosse em prejuizo de Dulcinea, tudo cumpriria com pontualidade. Feita a promessa, o cavallleiro da Branca Lua entrou na cidade a meio galope. Varias pessoas que tinham presenciado a lucta, levantaram D. Quixote, descobriram-lhe o rosto, e acharam-o pallido e coberto de suor. Rocinante não se podia mover. Sancho, triste e pezaroso, não sabia dar-se a conselho. Parecia-lhe tudo um sonho, tudo um encanto. Via seu amo rendido e obrigado a depôr as armas por um anno. Imaginava a luz da sua gloria offuscada; as esperanças de suas novas promessas esvaecidas qual fumo que o vento espalha. Receiava que Rocinante ficasse aleijado, ou deslocado seu amo. Entretanto D. Quixote entrou na cidade de cadeirinha.

Cumpre saber-se quem era o vencedor de D. Quixote. Era o bacharel Sansão Carrasco, o antigo cavalleiro dos Espelhos, que D. Quixote vencera no bosque. Não se tendo saído bem da primeira, tentou segunda empreza, que teve bom exito.

Ao cabo de alguns dias D. Quixote e Sancho saíram de Barcelona em direcção á sua

aldeia. Durante a jornada, em que succederam cousas estupendas, Sancho infligiu-se os açoutes para desencantarem Dulcinea. Cumpre, porém advertir que o tratante do escudeiro se escondia sempre em algum bosque para se castigar. Uma noite que se achavam dormindo no campo, sentiram um surdo estrondo, que por todos aquelles valles se estendia. Ergueu-se D. Quixote, empunhou a espada, e Sancho alapou-se debaixo do jerico, tremendo de mêdo. Crescia e avizinhava-se o ruido. Era o caso que levavam uns homens a vender a uma feira para mais de seiscentos porcos, que tanto grunhiam e bufavam que atordoavam os ouvidos de D. Quixote e de Sancho, que não podiam suppôr o que era. Sem respeito á auctoridade de D. Quixote, os porcos os investiram, derribando o amo, desfazendo a trincheira do escudeiro. e levando além d'isso adiante o pobre cavallo.

Sancho ergueu-se como pôde, pediu ao amo a espada, dizendo que queria matar meia duzia dos inimigos, que já sabia eram porcos. Respondeu D. Quixote: Deixa-os, amigo, que esta affronta é pena de meus peccados, e justo castigo é que a cavalleiro andante vencido mordam os cães, piquem as vespas e calquem os porcos.—Tambem deve ser castigo do céu, tornou Sancho que aos escudeiros dos cavalleiros vencidos piquem as moscas, comam os piolhos, e devore a fome. Se nós, os escudeiros, fossemos filhos dos cavalleiros a quem servimos, ou, pelo menos, seus mui proximos parentes, não fora muito que nos alcançasse a pena até á quarta geração. Que tem, porém, os Panças com os Quixotes? Ora tornemos a accommodar-nos e durmamos o pouco que resta da noite, e amanhecerá Deus e medraremos. E o resto da noite se passou sem novidade, e na manhã seguinte proseguiu a marcha.

Ao cabo de alguns dias de caminho chegaram emfim á sua aldeia os desgraçados cavalleiro e escudeiro. Aquelle foi recebido com grande regosijo pela ama e pela sobrinha, pelo cura, pelo barbeiro e pelo bacharel Sansão Carrasco. A familia do escudeiro alegrou-se tambem, sobretudo ao saber que havia dinheiro. E cada um se recolheu, permanecendo em casa algum tempo sem que occorresse cousa notavel.

Como, porém, não são eternas as cousas humanas, indo sempre em declinação até ao fim, especialmente a vida dos homens, chegou o termo da carreira de D. Quixote, quando elle menos o esperava. Fosse a melancolia que lhe causava o ver-se vencido, fosse determinação do céo, umas sesões o levaram no fim de tres dias, sendo assistido até aos ultimos momentos pelo cura, pelo bacharel e pelo barbeiro, bem como por Sancho Pança, que nem um instante lhe deixou a cabeceira. Crendo elles que o pesadêlo de se ver vencido e de não libertar e desencantar a sua Dulcinea o tinha reduzido a tal estado, procuraram distrahil-o por todos os meios. O medico que o visitou, achando-o perigoso, disse-lhe que pelo sim pelo não tratasse da saùde da alma. D. Quixot[illegible] se sobresaltou, mas a ama, a sobrin[illegible]leiro [illegible] escudeiro começaram a chorar terna[illegible] e de D. O doente pediu que o deixassem dor[illegible] Quixote, pouco.

Ao cabo de seis horas de profundo [illegible] acordou, e dando uma grande volta, [illegible]mou: Bemdito seja o Deus poderoso [illegible] bem que me fez, pois que me restituiu o juizo que me tinha feito perder essa detestavel leitura de livros de cavallaria, cujos disparates reconheço agora. Mandou depois chamar o cura, o bacharel Sansão Carrasco, o barbeiro e o escrivão, e Sancho Pança, que appareceu choramigando. No testamento que fez e que dictou com o maior juizo deixou toda a sua fazenda á sobrinha e á ama, sem esquecer Sancho Pança com boa fatia, ficando por testamenteiros o cura e o bacharel.

Recebeu os sacramentos, tendo abominado os livros de cavallaria, contra os quaes fallou largamente, e, no meio do pranto dos que o rodeavam, rendeu o espirito a Deus.

Tal foi o fim do engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha.

FIM.

Typ. — Cruz Coutinho. — Rua dos Caldeireiros, 28 e 30.